



LOPES, CÁSSIA. Nelson Rodrigues: memória e dramaturgia. Salvador: Universidade Federal da Bahia. UFBA, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Ensaísta, cronista, Professora Adjunto IV do Instituto de Letras da UFBA, do Programa de Pós-Graduação de Literatura e Cultura.

RESUMO

O presente trabalho fará uma leitura da obra biográfica “Memórias: a menina sem estrelas”, escrita por Nelson Rodrigues. Tendo em vista o trânsito entre vida e obra, alguns aspectos temáticos importantes no conjunto dramático do autor serão escolhidos para avaliação desta biografia citada, mais especificamente o olhar de Nelson Rodrigues sobre o corpo e, principalmente, o enfoque dado à nudez. Para a análise, também serão consideradas algumas obras de sua dramaturgia, tais como “Toda nudez será castigada” e “A Falecida”.

PALAVRAS-CHAVE: Dramaturgia, Memória, nudez.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the biographical work “Memórias: a menina sem estrelas” written by Nelson Rodrigues. Considering the transit between life and work, some important thematic aspects in dramaturgical works of the author will be chosen in order to study the above-mentioned biographical book, especially Nelson Rodrigues’ viewpoint on body and particularly on nudity. Some of his drama works, such as “Toda nudez será castigada” and “A falecida”, will also be considered as a support for the analysis.

Key words: dramaturgy, memory, nudity

No ano de 1967, Nelson Rodrigues reúne, em um único livro, as crônicas escritas para a coluna do Correio da Manhã e textos de cunho memorialísticos divulgados no jornal O Globo. Intitulado *Memórias: a menina sem estrelas*, a publicação mostra-se relevante por trazer a narração de acontecimentos e fatos da vida do célebre escritor e por permitir a leitura da travessia biográfica rodriguiana, com as particularidades e a riqueza escritural própria a quem, desde cedo, sempre foi um intérprete voraz do homem brasileiro e de seu indissociável contexto social, numa trama entre as particularidades e idiosincrasias individuais, os valores éticos em que cada sujeito se situa e se expressa.

Primeiramente, este ensaio dedica-se a pensar a conotação do título desta obra como um fio condutor de leitura: a imagem “a menina sem estrelas” é explorada em sua polissemia a partir dos enfoques sugeridos pelo próprio escritor em seu livro. Em seguida, será feito um percurso analítico sobre a visão da nudez em Nelson Rodrigues, considerando a vontade de delimitar a abordagem biográfica relacionando-a com traços e passagens por uma peça do dramaturgo: *Toda nudez será castigada*.

Aparentemente, a primeira frase do livro *Memórias: a menina sem estrelas* imprime o tom cronológico que daria à obra escolhida o estilo mais convencional na maneira de construir o discurso memorialista, remontando as origens até chegar ao momento próximo àquele em que se dá a escrita das crônicas: “Nasci a 23 de agosto de 1912, no Recife, Pernambuco”. (RODRIGUES, p.19) Passada a primeira impressão, vemos como o autor reporta-se a um contexto maior e explora lembranças que ultrapassam seu cotidiano e a realidade brasileira: volta-se para Paris, quando Mata-Hari, “a famosa espiã de um seio só” conquistava os corações dos militares. Ao trazê-la logo no início de suas memórias, o autor constrói a relação especular, pois revela os tipos sociais com os quais se identificava, com a história marcada por desafios, superações e pelo trágico. Durante a primeira guerra, a cortesã passou a ter relacionamentos com militares, sendo considerada uma espiã, o que a levou à morte por fuzilamento. Há muitas criações em torno da sua execução final: uma é de que teria aberto a túnica que cobria o corpo, expondo a sua nudez. Interessa ressaltar que, na moldura deste corpo nu, Nelson Rodrigues faz um close fotográfico no seio solitário de Mata Hari; nota-se a recriação do olhar sobre o corpo exposto na trama histórica daquele século. Este recorte do seio representaria, portanto, a primeira representação de uma “menina sem estrelas”: a perda de um seio sugere a falência de um sonho, ressalta a ausência das estrelas que iluminariam o caminho e salvariam a personagem do seu destino trágico, imersa na sombra de um passado histórico ditatorial.

A nudez emerge para denunciar uma cegueira que não se limita à incapacidade física, mas permite compreender a cegueira social, porque cabe ao olho do artista não apenas ver o corpo nu, mas ler diferentes formas de enxergar que tornam o corpo do outro apreensível pelos sentidos e pelos sentimentos questionadores de valores éticos e sociais. O escritor imprime um tipo de racionalidade na percepção da nudez: se todos veem Mata Hari com os dois seios na transparência dos códigos impostos à cortesã, ele a vê apenas com um único: insígnia de um destino, traço melancólico que envolvia a personagem e os contextos de tantos outros sujeitos imersos em perdas e restrições por regimes políticos e preconceitos morais. O escritor já declarava que “Não ponho minha mão no fogo por uma mutilação, que talvez seja uma doce, uma compassiva nostalgia. Seja como for, o seio solitário é, a um só tempo, absurdamente triste e altamente promocional”. (RODRIGUES, p.19) O close no seio solitário agrega o tom irônico e criativo de Nelson Rodrigues, mas, ao mesmo tempo, ressalta o jogo de metáforas e personagens que marcam este livro e sua biografia.

“O que eu quero dizer é que estas são memórias do passado, do presente, do futuro e de várias alucinações”. (RODRIGUES, p.19) Nelson Rodrigues alucina o seio só, pois não se encontram dados dessa mutilação na biografia de Mata Hari. Por um lado, na história da cortesã, sugere-se o mito de Pentésiléia, das amazonas que arrancam um seio a fim de segurar o arco e garantir a vitória na guerra. Por outro lado, o seio solitário é uma imagem que reverbera na dramaturgia rodriguiana: um seio que deve ser extirpado devido a um cancro, real ou metafórico, como em *Toda nudez será castigada* e em *A falecida*. Um câncer invisível, mas que desgasta, corrói as vidas humanas em seu âmbito individual e, também, em nível social. A memória inscreve-se como

a tentativa de abrir os horizontes para a compreensão de sujeitos históricos, mitificados, mas que se mostram inacessíveis por estratégias de distanciamento e auras de personificação, assim, “o que é a memória senão um pátio de Milagres? Um pátio de agonias, e de gemidos e de lágrimas de pedras?” (RODRIGUES, P.70)

A narrativa memorialista não se subtrai ao caminho do tempo heterogêneo, quando as mudanças do sujeito ou várias subjetividades são convidadas a participar das escolhas, dos encontros, das perdas inevitáveis sofridas ao longo da cada existência humana e do imaginário que recobre o cotidiano do autor e de sua obra. O desenho da memória é, portanto, sempre um esboço, um traçado do que se quis fazer com sua vocação e, ao mesmo tempo, é o reconstruir imaginário de cenas que ficaram para trás e que são importantes para o diálogo entre o escritor, seu público e sua obra. Desde o início, a biografia rodriguiana traz o tema da nudez e suas implicações filosóficas e culturais.

A segunda cena marcante de nudez, que percorre a sua história biográfica e, ao mesmo tempo, seria reabsorvida em suas narrativas e textos dramáticos, refere-se a uma outra menina sem estrelas. Na vizinhança do Rio de Janeiro, ainda na infância, Nelson Rodrigues testemunha a história de uma mulher considerada louca, que costumava despir-se à noite quando sentia calor. Não resistindo à curiosidade, ele se aproximou dos meninos moradores da casa onde residia a personagem e acabou por abrir a porta do cômodo onde ela se encontrava: “A louca estava no fundo do quarto, encostada à parede e nua. Completamente nua. Esta imagem de nudez acuada está, ainda agora, neste momento diante de mim.” (RODRIGUES, p.35) Surge, assim, uma espécie de pictografia cuja imagem desenha a plasticidade do corpo nu, acuado, encolhido no quarto, próximo ao chão, numa zona indiscernível entre o animal e o humano, entre a menina e a mulher. O corpo acuado traz uma proliferação de signos, que remete à possibilidade de salto a qualquer instante, ao mesmo tempo em que revela uma ambiguidade: poderia ser uma ameaça a quem vê ou se mostra ameaçado por quem olha a nudez exposta. A estética do corpo nu traz uma periculosidade, encurrala alguns valores guardados na casa familiar e na história do escritor e reaparece na sua dramaturgia como uma obsessão: “Eu ouvi a história, de olho grande. Por muitos dias e muitas noites aquilo não me saiu da cabeça. Imaginava a nudez insone, nudez delirante, rodando pelo quarto”. (RODRIGUES, p.35)

Uma primeira questão é o fascínio que o tema da nudez exerce na escrita biográfica de Nelson Rodrigues e irá percorrer muitas das suas obras narrativas e construções dramáticas, a exemplo de *Toda Nudez será castigada*. A segunda questão é a recepção dessa cena da infância e sua reverberação no imaginário do escritor. Ao ver a louca nua, o menino corre para casa e se esconde sob o lençol da sua cama, como se tivesse cometido grave delito. Atravessado por diferentes sentimentos, ele experimentava as sensações que a nudez do outro pode causar a uma criança: “Debaixo do lençol, tiritava de vergonha, pena, medo e nojo. De repente, o mundo se enchia de nus. Cada qual tinha a sua nudez obrigatória”. (RODRIGUES, p.35)

Outra questão analisada na recepção da nudez insone, tal como descrita por Nelson Rodrigues em seu livro de memórias, refere-se ao tema do erotismo.

Para ele, “Marilyn Monroe morreu porque se despiu sem amor. E aí está a palavra: amor, amor. Foi o remorso, a humilhação da nudez sem amor”. (RODRIGUES, p. 37) Emerge, assim, o tema de nudez possível, se esta nasce envolvida pela força do erotismo, que superpõe ao corpo o universo de signos a ser decifrado e que não se esgota após o ato sexual. Nesse caso, há uma forte relação entre a nudez possível a partir do casamento indissociável entre erotismo e a criação. Considerando que mesmo nos encontros mais íntimos e nas relações sexuais existe a solidão; constata-se que há uma relação fechada através de uma malha de traços e signos que impede de adentrar no mundo do outro. Poder-se-ia dizer que o sujeito lida com filtros de leitura, que impedem que se tenha uma relação imediata com o corpo de outrem, pois atravessa sempre uma rede de interpretações. Após a necessidade e o desejo, há o erotismo que simboliza a nudez do outro após o ato sexual. Assim, erotizar a nudez é uma maneira de torná-la acessível, libertando-a do sentimento de vergonha, medo, pena e nojo, vividos na observação do nu acuado daquela louca do seu bairro da infância.

Se para Nelson, “qualquer dor tem seu repertório de gritos”, (RODRIGUES, p. 39) também a nudez traz um repertório de olhares e sentimentos. Há de se pensar, por exemplo, na relação especular: homens vestidos observam outros corpos nus em manifestações estéticas, mas esse comportamento não se restringe a casos de performances que utilizam o nu em seu aspecto político e teatral. Sobretudo, no caso de Marilyn Monroe, a nudez aparece como a ressignificação de práticas culturais inibidoras da potência do corpo: “Marilyn posou nua para uma folhinha. E esse impudor mercenário foi, ao mesmo tempo, de uma fulminante eficácia promocional. Do dia para noite, ela se tornou célebre: célebre e nua, célebre porque se despira”. (RODRIGUES, 36) Nesse exemplo, enfatiza-se a ambiguidade do gesto: a nudez é uma força de construção midiática que teria possibilitado o acesso da atriz a Hollywood, mas também teria sido a causa de seu enfraquecimento; uma nudez sem amor que a transforma em “uma menina sem estrela”. A nudez de Marilyn “correu o mundo. Foi desejada em todos os idiomas”. (RODRIGUES, 36)

Nas palavras rodriguianas, nasce a contradição em torno da nudez de Monroe, o jogo entre o veneno e a cura. A nudez que a consagrou e fez dela uma estrela hollywoodiana foi a mesma causadora da falência da atriz. Assim, a nudez comporta um feixe de forças que, se não utilizado a favor do sujeito, pode voltar-se contra ele numa relação clara ao tema sugerido na peça “Toda nudez será castigada”. São as mãos daquele que se despe que o levará à angústia e culpa diante do gesto praticado. Marilyn teria sido ingênua diante das malhas de poder, consciente e inconsciente, que envolvem o corpo nu: “nada a salvaria da sua própria nudez”. (RODRIGUES, 36) É como se a liberdade sugerida pelo corpo despido formatasse exatamente o vazio da solidão de uma nudez afundada em um mundo sem amor: “Até que, num sábado, ou num domingo, ela se matou”. (RODRIGUES, 36)

Segundo o escritor, a atriz ficou submetida ao olhar do outro, alheio à sua vida e, nessa amplitude de olhares, sua imagem se encontrou e se perdeu; uma nudez cada vez mais esvaziada de sua potência imagética e do seu sentido libertário: “para morrer, Marilyn despiu-se como na folhinha. E Morreu nua. Morreu folhinha”. (RODRIGUES, 36) A metáfora da mulher-folhinha retoma a ideia de uma menina sem estrela que assim foi conduzida pelo engano de se tornar uma

mulher-estrela. Nitidamente, constatamos a abordagem da nudez atrelada ao tema de ordem política e social. A imagem do corpo é construída de paradigmas e se transforma em função da pessoa que olha, considerando a dificuldade de dialogar consigo mesmo diante da própria nudez, em face do campo de valores sociais e econômicos que veste os sujeitos e os aprisiona. No caso de Monroe, o autor confessa que “a atriz merece a desculpa apiedada do impudor mercenário. Posso até insinuar que foi a ordem capitalista que a despiu”. (RODRIGUES, 36)

Na narrativa rodriguiana, o corpo nu não é apenas uma matéria prima onde se imprimem códigos societários, mas agente de irrupção desses códigos. A nudez é um tipo de linguagem que prevê uma geometria não restritiva ao olhar consciente, mas envolve a perspectiva do inconsciente, numa coreografia do corpo encurralado da louca insone, da pictografia do seio nu de Mata Hari, como também da nudez de Marilyn Monroe e de Geni, em *Toda nudez será castigada*: um câncer que é alucinado como traço da relação com o romance familiar da personagem. Em Nelson Rodrigues, o corpo nu traz o entrelaçamento do ético e do estético, avaliando o espaço e o tempo em que o corpo, ao desnudar-se, expõe conceitos e normas de conduta social. Como declara o dramaturgo, “– Eu fui o maior pudor físico do Brasil! (...) O menino, que fui, não admitia que o vissem nu”. (RODRIGUES. p. 86) Uma nudez tão inibida, mas fartamente exposta em personagens de sua obra literária e biográfica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

LOPES, Cássia. *Gilberto Gil: a poética e a política do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

NOVAES, Adauto (Org.). *O homem máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RODRIGUES, Nelson. *Memórias: a menina sem estrelas*. Rio de Janeiro: Agir, 2009. 454p.

_____. *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguillar, 1994.